



ANTÓNIO DAMÁSIO

ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO DAMÁSIO

2016 LISBOA

ÍNDICE

António Damásio
- Um Diálogo Permanente com a Filosofia
Maria Luísa Ribeiro Ferreira
p. 3

António Damásio
- A emoção, motor da razão
Jean-François Marmion
Tradução livre dos alunos do 12.º D e do 12.º I
p. 11

António Damásio
- A obra traduzida em português
p. 14



ANTÓNIO DAMÁSIO – UM DIÁLOGO PERMANENTE COM A FILOSOFIA

Maria Luísa Ribeiro Ferreira

**Um cientista com múltiplos interesses - um escritor, um esteta,
um mágico das palavras, um professor**

António Damásio vem contrariar o preconceito divulgado relativamente aos cientistas, usualmente considerados como gente afastada do mundo, fechada em laboratórios, perita no uso de metodologias complexas e circunscrita a um diálogo *inter pares*. Ora ao lermos as obras de A.D. percebemos que se movimenta com prazer no mundo da cultura, estabelecendo pontes entre a ciência, a literatura, a música, a pintura e todas as formas de manifestação artística. De facto, para ilustrar os temas que estuda e os casos intrincados que nos apresenta, alterna o relato rigoroso de uma observação neurológica com passos de Shakespeare, o estudo de mapas cerebrais com trechos de Bach, a apresentação de teorias biológicas inovadoras com a referência a filmes de Woody Allen.

Inegavelmente que Damásio possui o dom da escrita pois não obstante situar-se num registo rigorosamente científico, exprime-se de um modo acessível e interessante. Longe de se dirigir a um público de iniciados ele procura trazer o homem comum para o terreno da ciência, explicando pacientemente os conceitos que utiliza e tornando-os acessíveis pelo recurso à experiência quotidiana. O leitor sente-se interpelado pois embora o universo científico não lhe seja habitual, o modo didáctico como este lhe é apresentado torna-o familiar. Habitados a associar uma obra científica a uma linguagem hermética, sentimo-nos fascinados por nos serem abertas as portas de uma investigação de cuja complexidade partilhamos. Este estilo cativante mantém-se em todos os seus livros de divulgação científica, constituindo um dos seus maiores méritos e provando que a ciência não é exclusiva de um grupo de iniciados. Em todos eles prevalece uma intenção didáctica, um desejo de partilha, um convite entusiástico a que penetremos no mundo do cérebro e do pensamento, estabelecendo ligações originais e imprevisíveis a partir da inter-actuação da actividade cerebral com a razão e com os afectos.

Neste diálogo entre a ciência e outras áreas do saber a filosofia não fica esquecida. Ao considerarmos as teses de Damásio sobre a consciência de si verificamos que elas estão em sintonia com hipóteses e preocupações manifestadas por filósofos, quer contemporâneos quer do passado. E o autor não deixa passar em branco estes contributos, num contraste com a generalidade dos seus colegas cientistas para quem a história é um apêndice descartável.¹ Contrariamente a esta ignorância deliberada do contributo da filosofia para teses científicas, Damásio revisita os filósofos clássicos para com eles e a partir deles construir teorias inovadoras, mostrando não só as suas omissões e os seus erros mas também os seus contributos para uma história da relação entre corpo, mente e sentimentos.

As considerações que se seguem são fruto de uma leitura atenta e agradada da obra deste eminente cientista. Mas porque se situam num plano estritamente filosófico, acompanham-se por vezes de um questionamento crítico e de algumas discordâncias. Omiti-lo seria menorizar o interesse das interpretações filosóficas que António Damásio suscita.

Interessou-nos particularmente o recurso a filósofos da modernidade que, quer de um modo latente, quer de um modo manifesto, influenciaram no tratamento dos problemas levantados. No primeiro caso temos uma série de pensadores que somos levados a recordar embora nem todos sejam expressamente mencionados. Assim acontece com Montaigne que, tal como António Damásio, redigiu os seus *Ensaíos* numa prosa acessível, elegendo o homem comum como interlocutor e recorrendo a experiências do quotidiano para ilustrar as teses defendidas.

Também Hobbes é uma presença subliminar pois o conceito de razão que Damásio critica, tem como referência implícita o modelo hobbesiano de uma razão entendida como cálculo ("*reckoning*"). De facto, para o autor do *Leviatã*, raciocinar é calcular e, na sua opinião, todos os problemas e discordâncias acabariam se as pessoas utilizassem correctamente as suas faculdades racionais.² Embora Damásio não refira explicitamente esta fonte, é um modelo semelhante que está presente quando critica uma visão reducionista da razão, avançando com a tese da ligação desta com instâncias emotivas e biológicas e escrevendo que "pode existir um elo de ligação em termos anatómicos e funcionais da razão aos sentimentos e destes ao corpo."³

Adiante mostraremos o diálogo mais demorado que A.D. entabula com Descartes e Espinosa, crítico no que se refere ao primeiro e elogioso quanto ao segundo.

Pascal é expressamente mencionado quando trata o tema da decisão. As suas "razões do coração" interessaram o cientista, não sendo por acaso que o filósofo francês é citado como abertura e como conclusão de um texto sobre os marcadores somáticos.⁴

É uma tese recorrente em Damásio a de que apenas conhecemos os mecanismos cerebrais que nos provocam emoções mas que nunca conseguiremos partilhar vivencialmente as emoções dos outros. Presentemente, a evolução da ciência e da

¹ Vj. a denúncia de Kuhn sobre o modo como é habitual ensinar-se ciência, ignorando a génese dos conceitos e a dimensão histórica dos mesmos. Thomas Kuhn, "A Função do Dogma na Investigação Científica", AAVV, *História e Prática das Ciências*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1979, pp. 45-75.

² Vj. *Leviatã*, cap. 5, "Da razão e da ciência", bem como o cap. 13 de *A Natureza Humana* onde estabelece as diferenças entre ensinar e persuadir.

³ António Damásio, *O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*, trad. Dora Vicente e Geogina Segurado, Lisboa, Europa-América, 1995, p. 251.

⁴ Ob. cit., pp. 178 e 210.

técnica permite-nos um conhecimento razoável da actividade cerebral. Contudo, apesar da utilização de aparelhos sofisticados, não conseguimos ter acesso ao pensamento de outrem, sendo-nos impossível pensar o que ele pensa e/ou como ele pensa.⁵ Na sua *Monadologia* Leibniz levanta o mesmo problema, sustentando ser-nos impossível partilhar directamente os pensamentos alheios. Avançando com a hipótese de uma máquina que nos permitisse perceber o funcionamento do cérebro, o filósofo constata que com ela nada mais veríamos do que a interacção de um conjunto de elementos mecânicos : " (...) E supondo que exista uma máquina cuja estrutura faça pensar, sentir, ter percepção, poder-se-á concebê-la aumentada e conservando as mesmas proporções, de modo que se possa entrar nela como num moinho. E posto isto, não se encontrará nela, visitando-a por dentro, senão peças que se impelem umas às outras e nunca como explicar uma percepção."⁶

Diferente é a relação com Malebranche pois ele é expressamente lembrado a propósito da consciência. Ao considerar a consciência como um tipo especial de sentimento, revelado de uma forma "simultaneamente poderosa e fugidia, inconfundível e vaga" Damásio remete-nos para este filósofo seiscentista, considerando-o precursor da sua tese, que reforça com uma citação encontrada em *De la Recherche de la Vérité*: "É através de uma ideia vaga, ou através de um sentimento que a mente ajuíza sobre a existência das criaturas e se apercebe da sua própria existência."⁷

Locke e Hume são citados como parceiros de diálogo no que respeita aos temas da identidade, da memória e da imaginação. As posições lockeanas sobre a identidade pessoal contrariam qualquer hipótese substantiva ou essencialista. No seu *Ensaio sobre o Entendimento Humano* o filósofo questiona-se sobre o que nos faz dizer que uma pessoa é a mesma ao longo do tempo.⁸ O problema é por ele apresentado sob a forma de um "puzzle case" (problema desconcertante) no qual nos convida a imaginar uma situação fictícia de troca de memórias entre um sapateiro e um príncipe. Perante esta hipótese imaginária, Locke interroga-se quantos ao efeito que tal troca teria sobre as suas identidades respectivas, concluindo que a memória é um factor essencial na construção do eu, visto que nos torna conscientes de uma mesma existência ao longo do tempo.

O debate iniciado por Locke é retomado por Hume. Sobre esta temática o filósofo escocês radicaliza o seu posicionamento pois chega a pôr em casa a identidade pessoal ao longo do tempo: "entre uma pessoa que passeia de manhã num jardim, em agradável companhia, e uma pessoa que, da parte da tarde, está encerrada numa masmorra, cheia de terror, desespero e ressentimento, parece haver uma diferença radical..."⁹ A perspectiva humeana sobre a identidade é frontalmente anti-cartesiana, o que agrada a Damásio. À ideia de um "cogito" que se coloca como ponto de partida para a especulação filosófica, Hume opõe um eu que não é imediatamente dado mas que se vai construindo, num processo em que a memória e a imaginação desempenham um papel preponderante. O "eu" ou "self" nada tem de substantivo, sendo desprovido de uma existência autónoma. Hume nega-lhe qualquer estatuto

⁵ Vj. António Damásio, *O Sentimento de Si*, trad. M.F.M., Lisboa, Europa-América, 2000, pp. 346-7.

⁶ *Monadologia*, §17, in Leibniz, *Obras Escolhidas*, trad. António Borges Coelho, Lisboa, Livros Horizonte, s.d., p. 162.

⁷ António Damásio, *O Sentimento de Si*, pp. 355-356.

⁸ John Locke, *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, trad. Eduardo Abranches de Soveral, 1999, livro II, cap. XXVII "Da Identidade e Diversidade", pp. 438 e sgs.

⁹ Hume *Tratado da Natureza Humana*, trad. Serafim da Silva Fontes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 293.

metafísico visto que o "self" só é legítimo enquanto constructo. O filósofo identifica o nosso eu como um feixe ("bundle") de percepções que se vão sucedendo mas que nada nos revelam sobre um núcleo fundador: "Atrevo-me a afirmar (...) dos homens que cada um deles não passa de um feixe ou colecção de diferentes percepções que se sucedem umas às outras com inconcebível rapidez e que estão em perpétuo fluxo ou movimento." E tal como Damásio fará mais tarde, fala-nos do "teatro da mente."¹⁰ Na construção da identidade pessoal a imaginação é determinante pois "o eu (...) ou a pessoa não é uma impressão mas aquilo a que se supõe que as nossas várias impressões têm referência."¹¹ Percepções e emoções são essenciais para a construção do que, séculos mais tarde, o cientista Damásio irá designar como "o sentimento de si". Para Hume, a consciência do eu nada mais é do que uma série de processos cognitivos e afectivos que em nós ocorrem: "Quando penetro mais intimamente naquilo a que chamo *eu próprio* ("self"), tropeço sempre numa ou outra percepção particular, de frio ou calor, de luz ou sombra, de amor ou ódio, de dor ou prazer. Nunca consigo apanhar-me *a mim próprio*, em qualquer momento, sem uma percepção e nada posso observar a não ser a percepção."¹²

Séculos mais tarde Damásio retomará esta temática, colocando-a em sede biológica e neurológica, fundamentando as suas teses com um rigor que a ciência setecentista não permitia alcançar. Mas nunca abandonando o diálogo com a filosofia.

Dois interlocutores privilegiados: Descartes e Espinosa

Para além de uma multiplicidade de referências breves a filósofos da modernidade, António Damásio elege dois que examina atentamente: Descartes e Espinosa. O nome do primeiro é explicitamente mencionado no título de uma das suas obras mais populares - *O erro de Descartes* mas, na verdade, o filósofo francês apenas aparece no capítulo 11, sendo-lhe dedicadas cinco páginas (253-257). Nelas se critica o dualismo corpo/mente, culpando-se o filósofo francês pela defesa de teses em que a mente aparece descorporalizada. Descartes aparece como o inimigo a abater pois com ele a mente perdeu a sua relação íntima com o corpo. A perspectiva cartesiana trouxe consequências negativas para a medicina e a biologia ocidentais dado que as circunscreveu a investigações de carácter predominantemente fisiológico e patológico. A célebre afirmação "*cogito ergo sum*", tomada literalmente, levou, segundo A.D., ao esquecimento das origens da mente e anulou o carácter cognitivo dos sentimentos.¹³ No nosso entender estas críticas são excessivas por alterarem os objectivos de Descartes. De facto, ao escolher o "*cogito*" como primeira verdade, o filósofo não se situou numa perspectiva ontogenética ou filogenética pois o recurso a este princípio teve como contexto a epistemologia. Ao identificar o sujeito como um ser pensante, a grande preocupação do autor do *Discurso do Método* foi encontrar um princípio indubitável, a partir do qual se pudesse edificar um conhecimento seguro. De igual modo contestamos a separação entre razão e sentimento que Damásio atribui a

¹⁰ Hume, *TNH*, p.301. Desta obra interessam para o problema da identidade os textos intitulados "Da identidade Pessoal" (livro I, secção VI, parte IV) e "Sobre o orgulho e a humildade" (livro II, parte I, secção II).

¹¹ *TNH*, I,VI,IV, p. 300.

¹² *Ibidem*.

¹³ *O Erro de Descartes*, p. 172.

Descartes, ou seja a oposição entre pensar e sentir, visto que em várias obras, o filósofo aproximou estas duas instâncias, a ponto de dizer que sentir é o mesmo que pensar. Assim acontece nos *Princípios da Filosofia*, onde Descartes escreve: "Pelo termo pensamento entendo todas aquelas coisas que ocorrem em nós quando estamos conscientes, na medida em que há em nós consciências delas. E assim não só entender, querer, imaginar, mas também sentir, é aqui o mesmo que pensar."¹⁴ A mesma ideia de uma relação íntima entre pensamento e emoção, aparece na Meditação Segunda, quando o filósofo se interroga sobre a sua identidade: "Mas o que sou eu então? Uma coisa pensante. O que quer isto dizer? Quer dizer uma coisa que duvida, que compreende, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que também imagina e que sente."¹⁵ De igual modo na Meditação Sexta Descartes reforça a importância do corpo e a relação do mesmo com a alma, considerando que a interacção de ambos nos é dada a conhecer pela natureza: "A natureza também nos ensina por estas sensações de dor, de fome, de sede, etc. que não estou apenas alojado no meu corpo como o marinheiro no navio, mas que estou muito estreitamente ligado a ele, e tão misturado que componho com ele como que uma unidade."¹⁶

O problema da relação entre a alma e o corpo é retomado pelo filósofo nas primeiras cartas trocadas com a Princesa Elisabeth. Esta questionou o filósofo sobre a aparente incompatibilidade da perspectiva dualista por ele defendida, com a união entre a alma e o corpo a que posteriormente se refere. E mais uma vez o filósofo nos surpreende pois admite a existência de uma "extensão" na alma, escrevendo à Princesa: " (...) peço-lhe que atribua livremente essa matéria e essa extensão à alma, porquanto isso mais não é do que concebê-la unida ao corpo."¹⁷

O contraste é nítido entre o posicionamento crítico relativamente a Descartes e a sintonia com Espinosa, perante o qual Damásio manifesta afinidades, a ponto de lhe dedicar todo um livro onde a neurobiologia continua a operar como fio condutor.¹⁸ À primeira vista esta perspectiva poderia parecer forçada visto que o autor da *Ética* está a séculos de distância do actual conhecimento do cérebro. Contudo, a hermenêutica damasiana, posto que construída em chave alheia às intenções do filósofo judeu, abre-nos perspectivas inovadoras, leva-nos a ler o autor numa perspectiva biológica e antropológica e convida-nos mesmo a considerá-lo como um "proto-biologista."¹⁹ A importância do corpo, o tema do "*conatus*" e a gestão dos afectos na construção do bem estar pessoal são temas eticamente determinantes em Espinosa e agradam a A.D. que releva a importância do corpo num filósofo que ao debruçar-se sobre a natureza dos afectos escreve: "Ninguém até ao presente determinou o que pode o corpo".²⁰ E neste ponto há sintonia entre o filósofo e o cientista. Na verdade, a neurobiologia dos afectos que Damásio expõe nos seus livros apresenta semelhanças com a visão espinosana, para quem a mente é a ideia do corpo, constituindo com este uma

¹⁴ Descartes, *Princípios da Filosofia*, IX, tradução e comentários de Leonel Ribeiro dos Santos, Lisboa, Presença, 1995, pp. 56-57 (sublinhados nossos).

¹⁵ Descartes, *Meditações sobre a Filosofia Primeira*, introdução, tradução e notas de Gustavo de Fraga, Coimbra, Almedina, 1976, p. 124 (sublinhados nossos).

¹⁶ Descartes, *Meditações sobre a Filosofia Primeira*, ed. cit., p. 211 (sublinhados nossos).

¹⁷ Carta de Descartes a Elisabeth, 28 de Junho de 1643, em Adelino Cardoso e Maria Luísa Ribeiro Ferreira, *Medicina dos Afectos. Correspondência entre Descartes e a Princesa Elisabeth da Boémia*, Oeiras, Celta, 2001, p.38.

¹⁸ António Damásio, *Ao Encontro de Espinosa. As emoções sociais e a neurologia do sentir*, trad. P.E.A., Lisboa, Europa-América, 2003.

¹⁹ A.D., ob. cit, p. 29.

²⁰ Espinosa, *Et. III, prop.II, scl*

unidade indissolúvel, apenas separável em função da perspectiva em que nos colocamos.

Obviamente que as teorias do cientista português sobre a relação entre o corpo, o cérebro e a mente pressupõem uma abordagem técnica e científica à qual a ciência seiscentista é alheia. Damásio sustenta que os processos mentais têm uma base biológica pois assentam na capacidade que o cérebro tem para construir mapas do corpo, algo que Espinosa nunca poderia concluir com os dados científicos de que dispunha. E para além dessa diferença, há que reconhecer outras, nomeadamente a perspectiva evolutiva e histórica que norteia os estudos damasianos sobre a origem neuro-biológica das emoções, enquanto que o discurso de Espinosa se situa, como não poderia deixar de ser, numa perspectiva fenomenológica, centrando-se na descrição explicativa dos fenómenos que lhe é dado observar. Para o filósofo judeu a dimensão corporal é importante mas há outras entradas possíveis às quais os humanos não têm acesso. O privilegiar da relação corpo /mente justifica-se porque entre os infinitos atributos que constituem a Natureza, apenas nos é permitido conhecer o pensamento e a extensão ou matéria.

A análise de Damásio é feita "pelo microscópio da biologia" e como tal, privilegia o corpo, o que não acontece com Espinosa. Por isso este não reduz a mente ao corpo nem a entende como uma complexificação do mesmo. A simultaneidade com que qualquer marca do corpo é recebida pela mente não implica uma continuidade entre ambas as instâncias pois corpo e mente representam duas leituras diferentes de uma mesma realidade. Todas as coisas têm na sua essência uma força vital que as mantém na existência. Espinosa apelida de "*conatus*" esse esforço ou impulso, presente em todos os seres. O desejo ("*cupiditas*") é o "*conatus*" tornado consciente. Por isso o autor da *Ética* o considera exclusivo dos homens.

As teses espinosanas relativas ao "*conatus*" aproximam-no do pensamento de Damásio. O esforço que segundo o filósofo impele todos os seres à manutenção na existência, assumindo no homem a forma de desejo,²¹ é reconhecido pelo cientista que o perspectiva num registo biológico, explicando-o em termos químicos e neuronais. Damásio entende os sentimentos como expressão de uma luta pelo equilíbrio. Espinosa concede aos afectos um papel determinante na construção do nosso eu. A sua *Ética* coloca as paixões num diálogo constante com a razão. Esta não as consegue controlar directamente mas tenta geri-las, confrontando uma "paixão má" - as paixões tristes são sempre más - com outra mais forte, que permita anular os efeitos perniciosos da primeira.

Tanto Espinosa como Damásio relevam a indispensabilidade do estudo das emoções para a compreensão do comportamento humano. E ambos privilegiam a alegria, considerando-a essencial para a saúde do organismo e para o florescimento de uma vida conseguida.

O questionamento de temas filosóficos

O que anteriormente escrevemos a propósito do recurso de Damásio a alguns os pensadores incluiu já o relevo dado a temáticas como a identidade pessoal, as emoções e o conhecimento. Como foi dito, o cientista trabalha-as em chave

²¹ "O desejo é a própria essência do homem (...) *Ét.* III, Definição dos Afectos.

neuroológica mas a filosofia está muitas vezes presente. Na verdade as suas obras permitem-nos perspectivar melhor certas temáticas tais como o conhecimento, a razão, a natureza humana, a relação corpo mente, a vontade, a liberdade e tantas outras. *O Sentimento de Si* é um livro fascinante que nos obriga a confrontar uma abordagem fenomenológica do que é conhecer, com os contributos científicos da neurobiologia. As relações entre a consciência nuclear e a consciência alargada permitem-nos não só perceber como conhecemos mas também como tomamos consciência de que conhecemos. Ao debruçar-se sobre a arquitectura neural que suporta a consciência, Damásio aproxima os contributos da filosofia, da psicologia e da biologia "criando uma estranha mas produtiva aliança."²²

Também sobre o tema da razão A.D. trouxe achegas importantes à filosofia, questionando a perspectiva clássica de uma racionalidade autónoma, aproximando razão e emoção e encontrando para ambas fundamentos neurológicos afins, ou seja, considerando a emoção como "uma componente integral da maquinaria da razão."²³ Sabemos como estas duas componentes essenciais do psiquismo humano foram durante séculos abordadas separadamente. Ao estudar os processos neurológicos destas instâncias o cientista demonstra a existência de um suporte biológico comum. As teses que lhes subjazem apoiam-se em investigações de ponta, na reconstituição de mapas cerebrais e em múltiplas experiências realizadas sobre um vasto público, nomeadamente sobre casos patológicos que nos ajudam a compreender o modo como as emoções, os sentimentos e a regulação biológica, desempenham um papel na razão humana.

A. D. tem sobre a natureza humana uma concepção unitária, analisando-a na sua realidade psico-somática e criticando a medicina ocidental que cada vez mais se recusa a tratar os humanos na sua globalidade psico-fisiológica. Os seus escritos ajudam a aprofundar a relação corpo/mente. Nos dias de hoje a linha dominante na antropologia e ontologia filosóficas é predominantemente anti-dualista. O "body-mind problem" voltou a ocupar um lugar central a partir dos anos 70 do século passado e não mais deixou de estar em cena, ocupando cientistas e filósofos. A prova são os inúmeros estudos dedicados a esta temática.²⁴ As teses integradoras de Damásio situam-se nessa orientação unitária, oferecendo-nos como mais valia um suporte científico para as especulações filosóficas que se tornaram sensíveis à interacção do físico com o mental.

Ao debruçar-se sobre a capacidade humana de decisão, os escritos de Damásio recolocaram os temas da vontade e da liberdade. O caso de Phineas Gage analisado em *O Erro de Descartes*, é uma prova convincente de que a razão não tem um papel exclusivo nos actos de escolha. O personagem em causa sofrera um acidente que lhe danificara uma parte do cérebro. O seu raciocínio teórico mantivera-se intacto, a sua linguagem continuava adequada e no entanto ele era incapaz de escolher, tal como era incapaz de experimentar emoções. Os estudos sobre Gage e Elliot (outro doente examinado por Damásio)²⁵ vêm provar que certos princípios éticos podem perder-se quando determinadas zonas do cérebro são afectadas. Mostram-nos também que a

²² *O Sentimento de Si*, p. 32.

²³ *O Erro de Descartes*, p. 14.

²⁴ Já nos anos 80 do século passado se inventariavam os estudos sobre esta problemática. Vj. a resenha feita por M. Churchland, *Matter and Consciousness*. Cambridge, Massachusetts, MIT, 1988, nomeadamente o cap. 2 "The Ontological Problem (the Mind-Body problem)," pp.7-49.

²⁵ *O Erro de Descartes*, cap. 3.

responsabilidade pessoal e social, bem como o livre arbítrio, assentam em bases corpóreas, não sendo geridos exclusivamente pelo poder da vontade. O nosso sistema de valores não é autónomo relativamente ao trabalho do cérebro e a sua aplicação à vida depende da actividade neuronal. Deste modo, a capacidade de escolha encontra-se dependente de processos neuronais, a ética não é um mundo separável da corporeidade, os princípios altruístas remetem para "circuitos modestos no cerne do cérebro."²⁶

A relação cérebro/mente tal como Damásio a perspectiva, desafia os filósofos para um novo entendimento da liberdade. O cientista combate a tese, aceite durante séculos, de que as decisões são tanto mais conseguidas quanto mais as depurarmos de aspectos emotivos. A ideia de uma razão autónoma teve o seu apogeu em Kant e influenciou fortemente as orientações éticas da filosofia ocidental. Com a sua investigação no domínio da neurobiologia, Damásio trouxe para o cenário da liberdade e da vontade, elementos até então considerados espúrios, como a corporeidade e as emoções. Com ele somos levados a reconhecer que os actos livres implicam o homem total, com o seu corpo, os seus sentimentos e a sua razão.

Diferentemente da maior parte dos investigadores em áreas de ponta, António Damásio partilha o seu saber e as suas experiências com o grande público, obrigando-o a questionar-se e a visitar em sede científica muitos dos problemas que se colocaram (e continuam a colocar-se) à humanidade. Dele podemos dizer que abalou certezas e abriu novos horizontes. Daí o interesse que os seus livros despertam, tanto no homem comum como nos filósofos. Estes cada vez mais recorrem aos escritos do cientista, utilizando-os como reforço avalizado de teorias especulativas. O que prova as vantagens resultantes de um diálogo profícuo entre ciência e filosofia.

(texto publicado em "Cadenho Escolar", n.º 10, 2016, pp. 18 – 23, consultável na página web da Escola Secundária António Damásio)

²⁶ *O Erro de Descartes*, p. 15.



ANTÓNIO DAMÁSIO

A Emoção, motor da razão.

Jean-François Marmion

O Erro de Descartes, livro publicado em 1994, é uma boa introdução ao pensamento de António Damásio, (...)

A sua proposta coloca em causa o divórcio moderno entre a filosofia e as ciências naturais. O livro começa com uma longa descrição do caso de dois pacientes separados por mais de um século: primeiro Phineas Gage, que sobreviveu quando um pé de cabra perfurou o seu crânio e, de seguida, Elliot, que passou por uma cirurgia devido a um tumor cerebral. Ambos sofreram uma lesão numa área específica da parte frontal do cérebro, o córtex pré-frontal ventromedial e conservaram uma inteligência normal mas ambos perderam toda a capacidade de sentir emoções. Apesar de manterem a capacidade de pensar corretamente tornaram-se incapazes de tomar decisões e aprender com os seus erros. Ao longo dos anos, Damásio encontra mais uma dúzia de outros casos clínicos com a mesma lesão, em que a capacidade de raciocínio se mantém mas que se revelam igualmente incapazes. É o caso de um homem incapaz de decidir o próximo encontro com o seu médico, avaliando sem parar, os prós e contras desse encontro.

Os marcadores somáticos

A partir destes casos concretos, Damásio formula a sua hipótese a que chama de "marcadores somáticos". Ele sugere que o nosso corpo conserva um registo permanente do que vivemos e de acordo com o contexto, reativa esse registo para nos ajudar a eliminar opções que poderiam, com base na experiência, tornar-se prejudiciais. Este processo automático pode ser realizado sem termos conhecimento [consciência] (quando decidimos sem saber porquê, com base na intuição) ou pode criar sensações que atraem a nossa atenção (e é isso que constitui a emoção propriamente dita). Estes estados do corpo geram assim uma emoção, que ajuda na rapidez e relevância do raciocínio. As observações da imagem cerebral, bem como os resultados de testes neuropsicológicos propostos aos pacientes serviram de apoio a esta hipótese. Deste modo, podemos afirmar que Descartes estava errado, não apenas quando opõe o corpo ao pensamento, mas quando propõe que o pensamento se liberte de qualquer emoção. De acordo com Damásio, as funcionalidades mais básicas do nosso corpo parecem estar relacionadas com as nossas faculdades intelectuais superiores. Atenção « A Ética não entra em colapso, a moral não é ameaçada e, no indivíduo normal, a vontade continua a ser a vontade », tranquiliza Damásio.

O livro renova as ideias defendidas um século antes por William James (a emoção é o resultado de uma reação do corpo e não o inverso), antes do assunto ter sido rejeitado pelo behaviorismo e por toda a psicologia científica, que defendiam que a emoção não pode ser um objeto de observação e experimentação. Certamente, Damásio não é o primeiro dos nossos contemporâneos a abordar o tema. O neurobiólogo Jean-Didier Vincent na "Biologia das Paixões" (1986) e o filósofo Daniel Dennett em "Consciência Explicada" (1991) foram alguns autores que arriscaram esse caminho. Mas apresentando casos clínicos, testando uma hipótese inédita sem precedentes, só a obra "O Erro de Descartes" teve uma tal repercussão que é considerado uma obra de referência na neuropsicologia, a disciplina que relaciona o funcionamento do cérebro e o comportamento humano. O trabalho de A. Damásio reabilitou a emoção, agora estudada a partir de todos os ângulos: como ela influencia a criação e evocação de memórias, como ela é talvez uma forma particular de inteligência (Daniel Goleman falava de uma "inteligência emocional" em 1996) à qual as áreas do cérebro estão associadas.

Alguns teóricos, como Klaus Scherer, consideram a emoção como um fenómeno complexo que envolve dimensões fisiológicas, cognitivas, motoras... e que são alvo de interesse por várias disciplinas, as "ciências afetivas": a emoção, passa a ser pensada, não apenas como um mero estado do corpo, mas sim como um processo que nos conduz desde a avaliação de uma situação à seleção de uma resposta.

Audácia e Lucidez

Claro está que a investigação sobre as emoções não fica confinada à psicologia. Espalha-se por outros ramos do conhecimento, por exemplo entre os historiadores (Marc Ferro, "O Ressentimento na História", 2007, ou Christophe Prochasson, "O Império das Emoções", 2008) e os economistas. Em simultâneo ao surgimento do livro

“O Erro de Descartes”, Daniel Kahneman e Amos Tversky, nas investigações que os conduziram ao primeiro Prémio Nobel da Economia em 2002, desconstruíram experimentalmente o mito de « L’Homo Economicus », guiado apenas por cálculo racional e condenado ao erro. É também isto que ajuda Damásio a levar a água ao seu moinho uma vez que defende que “os instrumentos frágeis de racionalidade precisam de uma ajuda especial”...

O Erro de Descartes abriu múltiplos caminhos e reflete ainda hoje o entusiasmo, mas também o desejo de humildade da maioria dos neuropsicólogos e neurocientistas: “Este é um bom tempo para pensar estas questões (...). As razões para o fazer não veem apenas da falta de progresso, mas da enorme quantidade de fatos novos divulgados pelas neurociências, talvez sejam uma ameaça à possibilidade de se pensar claramente estas questões (...).

Não há uma resposta única para o enigma do cérebro e da mente, mas muitas respostas relacionadas com os inúmeros componentes do sistema nervoso que existem nos vários níveis de organização anatómica. “Esta mistura de audácia e lucidez consagram Damásio entre os melhores escritores da psicologia do último quarto de século.

Erro em Descartes, verdade em Espinosa

Na obra “O sentimento de si” (1999) e “Ao encontro de Espinosa” (2003), António Damásio prolonga a demonstração, começada em 1994 com “O Erro de Descartes”, distinguindo emoção (reação observável do corpo a uma situação)²⁷ e sentimento (interpretação subjetiva da emoção e da sua causa). Todos os animais podem experienciar uma emoção (medo, agressividade, apetite), mesmo em embriões, mas só o ser humano e, em menor escala, outros mamíferos e aves, conhecem a experiência do que são sentimentos, porque só eles são dotados de estruturas cerebrais que lhes permitem localizar de forma precisa as mudanças nos seus corpos. Emoções e sentimentos são o resultado da evolução e que ajudam as nossas capacidades vitais: não apenas nos ajudam a selecionar o comportamento mais adequado, como também permitem estabelecer relações duradouras de causa e efeito, aprender, antecipar uma situação com base na experiência, construir portanto uma temporalidade e de conceber uma representação consistente do nosso meio e da nossa individualidade...

Por outras palavras, elas ajudam a estabelecer os instrumentos da consciência. Tudo isto se encontra facilmente na nossa espécie pelo desenvolvimento da linguagem. Ou, é na filosofia de Espinosa que Damásio encontra a visão de descobertas da neurociência que sugerem a indissociabilidade entre o corpo e a mente.

Tradução e adaptação livre do texto de **Jean-François Marmion (2016), Antonio Damasio *L’émotion, moteur de la raison***, in *Revue de Sciences Sociales, Les Grands Penseurs des Sciences Humaines*, pág. 190-193, Ed. Sciences Humaines, no âmbito da disciplina de **Psicologia B do 12º D e 12ºI, pelos alunos:** Margarida Ferreira, Maria de Moura, Geralda Duarte, Adriana Elias, Soraia Cândido, Inês Neves, e Bruna Silva, Irina Passuco, Nádía Gaspar, Filipa Costa, Marta Rodrigues, e Wilson Lima, respetivamente.

²⁷ Sublinhado nosso



ANTÓNIO DAMÁSIO

A OBRA TRADUZIDA EM PORTUGUÊS

O erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano (1994, edição revista e atualizada em 2011), Lisboa, Círculo de Leitores, 2011.

O Sentimento de Si: Corpo, Emoção e Consciência (1999, edição revista e atualizada em 2013), Lisboa, Círculo de Leitores, 2013.

Ao encontro de Espinosa: As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir (2003, edição revista e atualizada em 2012), Lisboa, Círculo de Leitores, 2012.

O Livro da Consciência: A Construção do Cérebro Consciente, Lisboa, Círculo de Leitores, 2010.



www.esad.edu.pt

direcao@aeolivais.pt

